

FEMINISMO DO SAGRADO: uma reencenação romântica da diferença¹

¹ As reflexões deste artigo têm origem em minha dissertação de mestrado *Feminismo do Sagrado o dilema igualdade/diferença na perspectiva de teólogas católicas* Rio de Janeiro PPGAS/Museu Nacional/UFRJ 1995 Este trabalho contou com o apoio financeiro do CNPq e do concurso Ford/ANPOCS de dotações científicas Agradeço especialmente as sugestões e comentários de Luiz Fernando Dias Duarte Maria Luiza Heilborn Otavio Velho e Emerson Giumbelli

² Utilizo aqui o termo **teologia feminista** no sentido mais flexível e relativizado que seu uso adquire diante da constatação da diversidade das novas opções feministas hoje correntes e também porque e um conceito assimilado pelas teólogas embora muitas vezes continue intercambiável com teologia feminina ou teologia na ótica da mulher

³ Para tanto foram entrevistas todas seis teólogas ligadas a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro reconhecidas pelo lugar institucional que ocupam participação em eventos públicos e trabalhos editados além de teólogas protestantes e de outros estados Também foi

Mulheres fazendo Teologia aproximação com o feminismo

Feminismo e religião assim colocadas lado a lado são duas palavras que nos soam como uma certa contradição ou até com um certo desconforto Em geral em nosso imaginário não se produz uma convivência harmônica entre estas duas crenças ou políticas Mas se percorrermos o horizonte de alguns movimentos de mulheres que passaram a ganhar destaque na década de 1990 veremos que novos ventos estão soprando Este e o caso da Teologia Feminista que passa a ser produzida no Brasil a partir de 1985² Trata-se de uma elaboração teológica que investe singularmente na composição entre religião e alguns pressupostos feministas referenciada a um movimento de mulheres organizadas dentro da Igreja Católica É uma linha de pensamento teológico e feminista que prova que reencenando com originalidade antigas tensões como a da **igualdade e diferença**, as mais particulares combinações têm lugar o que não deixa de ser característico de nossa cultura ocidental moderna Nesse sentido pretendo mapear o lugar da reflexão do grupo de teólogas feministas católicas radicadas no Rio de Janeiro cuja produção intelectual e reconhecimento institucional lhes garantem uma posição representativa na Igreja Serão consideradas particularmente as linhas mestras do pensamento que o define a partir de sua produção e de suas interações tendo como pano de fundo o debate feminista atual³

A reflexão de um grupo de mulheres que não pretende o rompimento mas a transformação dentro de sua própria tradição um grupo que se assume enquanto sujeito político a partir da identidade feminina constitui uma novidade no contexto da Igreja O que quase sempre caracterizou a relação entre feminismo e religião foi o afastamento Na história do feminismo norte-americano visto sempre como paradigmático o que se nota e

consultada e analisada boa parte da produção publicada dessas autoras

⁴ MACEDO Carmen C CEBs um caminho ao saber popular *Comunicações do ISER* Teologia Feminina Rio de Janeiro ano 9 n°35 1990 p 23 29

⁵ NUNES Maria Jose Rosado *De Mulheres e de Deuses Estudos Feministas* Rio de Janeiro CIEC/ECO/UFRJ vol 0 n 0 1992 p 5 30
JARSCHHEL Haidi *Transformar Pedras em Pão e Rosas o proprio das feministas Curso de Verão* São Paulo Paulinas 1990 p 46 56

⁶ TEPEDINO Ana Maria & BRANDAO Margarida L R A Força Mutante das Mulheres paixão e compaixão In BRANDÃO M L R (org) *Teologia na Ótica da Mulher* Rio de Janeiro PUC 1990 p 7 29
WEILER Lucia Uma Leitura Feminista da Bíblia perspectivas hermenêuticas *Convergência* 25 1990 p 272 288
BORGES Regina Uma Necessidade Urgente reler a Bíblia com olhos de mulher In BRANDAO M L R (org) 1990 op cit p 110 134
BINGEMER Maria Clara L O *Segredo Feminino do Mistério Ensaio de teologia na optica da mulher* Petropolis Vozes 1991

⁷ Sobre Eva ver GEBARA Ivone *As Incomodas Filhas de Eva na Igreja da America Latina* São Paulo Paulinas 1989 _____ A Mulher Contribuição a Teologia Moral na America Latina In BINGEMER Maria Clara L (org) *O Mistério de Deus na Mulher* Rio de Janeiro ISER 1990 p 13 26
BINGEMER Maria Clara L 1991 op cit

⁸ CAVALCANTI Tereza *Mulheres e Profetismo no Antigo Testamento Curso de Verão* ano II São Paulo Paulinas 1988 p 359 370

o rompimento com a religião patriarcal identificada como o principal suporte ideológico da dominação masculina. No Brasil muitos são os depoimentos de feministas historicas que relatam como inconcebível na década de 1970 a convivência entre feminismo e religião. Contudo e também no período de surgimento e auge do movimento feminista que nasce uma série de movimentos populares que seriam mais tarde responsáveis por uma forma de articulação entre pertencimento religioso e a consciência de uma identidade feminina. Dentre esses movimentos destacam-se no âmbito da Igreja Católica as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) a expressão mais marcante da perspectiva de renovação da Igreja e da Teologia que começa a acontecer na década de 1960⁴. Trata-se de uma experiência de Igreja centrada na opção preferencial pelos pobres que passa a contar com a participação ativa das mulheres já integrantes majoritárias das paróquias embora sem ocupar postos de decisão.

Mais tarde especialmente na década de 1980 essa experiência vai dar origem a um conjunto de reflexões inclusive por parte de mulheres teólogas que participavam das CEBs como agentes de pastoral. E esse processo de mobilização das mulheres nas comunidades e a incorporação da Teologia da Libertação que vão propiciar a entrada efetiva da mulher como sujeito e objeto na reflexão teológica institucionalizada uma área tradicionalmente masculina. As teólogas percebem uma participação diferencial das mulheres nesses novos movimentos populares e advogam que no contexto das CEBs elas passam a ser valorizadas a partir de seu cotidiano e de sua experiência de vida de mulher pobre.⁵ Nesse período surgem então as primeiras publicações das mulheres teólogas.

São artigos editados em revistas pastorais ou coletâneas da Teologia da Libertação que se preocupam em dar visibilidade as mulheres na Igreja. Dentro da perspectiva de uma nova hermenêutica que leve em consideração a ótica das mulheres as teólogas passam a reler os textos bíblicos tentando desconstruir os nos que prendem a mulher a uma imagem negativa marcada pelo peso do pecado original na tradição cristã.⁶ Apresentam Eva como parte da boa criação divina e não como a culpada pela queda da humanidade.⁷ Descobrem o papel das heroínas bíblicas segundo a narrativa do Antigo Testamento mulheres fortes que guiaram ou libertaram o seu povo. Reivindicam a feminização dos conceitos teológicos com a introdução de um princípio feminino na noção de Deus e da Santíssima Trindade.⁸ Valorizam o papel de Maria não como a virgem submissa mas como a mulher que disse não ao pecado ou como a única

_____. O Ministério Profético das Mulheres no Antigo Testamento Perspectivas de atualização In BINGEMER M C L et al *O Rosto Feminino da Teologia* Aparecida Ed Santuário 1990 p 17-36
_____. O Conhecimento de Deus desde a Ótica da Mulher In BRANDÃO M L R (org) 1990 op cit p 74-109
_____. A Trindade a Partir da Perspectiva da Mulher algumas pistas para reflexão In BINGEMER M C et al 1990 op cit p 103-127
_____. 1991 op cit

⁹ Sobre Maria ver GEBARA Ivone & BINGEMER Maria Clara L *Maria Mãe de Deus e Mãe dos Pobres Um ensaio a partir da mulher e da America Latina* Petropolis Vozes 1987
TEPEDINO Ana Maria A *Mulher como Memoria* In BINGEMER Maria C (org) 1990 op cit p 75-82

¹⁰ Ver TEPEIDINO Ana Maria *As Discipulas de Jesus* Petropolis Vozes 1990
BINGEMER Maria Clara L 1991 op cit

¹¹ Ver por exemplo a coletânea organizada por BRANDÃO Margarida L R & BINGEMER Maria Clara L (org) *Mulher e Relações de Gênero* Sao Paulo Loyola 1994

¹² VICENTE Ione Borges F A *Mulher como Sujeito e Objeto da Reflexão Teologica na America Latina* Rio de Janeiro PUC 1993 *Dissertação de Mestrado em Teologia*
_____. *As Mulheres na Igreja Latino americana Contexto Pastoral Campinas CEBEP/* Rio de Janeiro CEDI 1993 ano III maio/junho nº 14 p 8

¹³ O primeiro Seminario Nacional de Teologia e Direitos Reprodutivos ocorreu em 1992 em São Paulo

ponte inquestionavel entre Deus e os homens entre o espirito e a carne⁹ E especialmente focam a relação de Jesus e da comunidade cristã primitiva em termos igualitários. Demonstam como ele teria promovido uma posição digna e prioritaria as mulheres o que teria sido escamoteado no processo de institucionalização da Igreja ja nos primeiros seculos resultando em uma patriarcalização dos conceitos e da tradição e no afastamento da mulheres das posições de poder e do acesso ao sagrado¹⁰

A participação expressiva das mulheres nas Comunidades Eclesiais de Base as tentativas de releitura da Bíblia por parte de teologas americanas e europeias e a propria expansão das ideias feministas de igualdade entre os sexos levam as teologas brasileiras a elaborar novas formas de representação da mulher e da sua relação com o transcendente São mulheres na sua maioria leigas que envolvidas no trabalho pastoral com as CEBs passam a absorver estas propostas de libertação da mulher e questionar a misoginia que percebem na Igreja e na tradição cristã No seu trabalho como porta-vozes das mulheres do povo seja em textos de assessoria aos trabalhos comunitarios publicações mais acadêmicas ou mesmo teses e dissertações em Teologia compõem um original arcabouço de ideias combinando religião e feminismo Especialmente no caso das teologas catolicas isso se expressa em uma aproximação com as correntes feministas que valorizam a singularidade do feminino e não mais so a sua igualdade com o masculino palavra de ordem do movimento feminista da decada de 70

Um marco fundamental nesse processo para as teologas do Rio de Janeiro e o dialogo entre elas e militantes feministas que começa a ser travado no inicio da decada de 90 Teologas e feministas passam a se aproximar descobrir as diferenças e semelhanças dos seus trabalhos com mulheres e trocar suas experiências¹¹ Isso se dá particularmente a partir da tematica dos direitos reprodutivos que volta a ganhar mais atenção na agenda feminista dos anos 90 As teologas ao pretendem trabalhar com a questão feminina tiveram que se deparar com esta problematica a partir do seu contato com as mulheres de camadas populares em especial as mulheres das CEBs que ja ha algum tempo vinham assumindo um comportamento reprodutivo de certo modo contrario as normas oficiais da Igreja¹² Diante da dificuldade de lidar com a questão as teologas aceitam o chamado das militantes feministas para um dialogo centrado nesse tema Foi realizada então uma serie de encontros que visavam debater o tema Teologia e Direitos Reprodutivos¹³

Como resultado desse contato podemos perceber uma relação mais proxima das teologas com a militância

promovido pelo Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina Católica pelo Direito a Decidir e SOS Corpo, Gênero e Cidadania. O segundo foi em 1993 em Olinda sob a coordenação do SOS Corpo, Gênero e Cidadania. E o terceiro seminário em 1994 no Rio de Janeiro organizado pelo Projeto Sofia, Mulher e Teologia do Instituto de Estudos da Religião. Todos estes encontros contaram com a participação de renomadas representantes do campo feminista e teólogas católicas e protestantes.

¹⁴ Ver ARRUDA, Ângela. A Diferença Revisada: dos direitos reprodutivos ao ecofeminismo no Rio de Janeiro. Trabalho apresentado do XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 23-27 de novembro de 1994.

¹⁵ Em função do fato desses acontecimentos serem muito recentes, há ainda pouca bibliografia específica das teólogas católicas sobre direitos reprodutivos e ecofeminismo, embora sejam assuntos que aparecem de forma exemplar nos depoimentos colhidos em meados de 1994.

¹⁶ Trabalhos que vão nessa direção: BRANDAO, Margarida L. R. Mulher e Homem: igualdade e reciprocidade. In BINGEMER, Maria C. (org.) 1990, op. cit. p. 27-46. VICENTE, Ione Borges F. Ecofeminismo. In LANDIN, L. & LEIS, H. R. (org.) Comunicações do ISER, *Ecologia, Religião, Sociedade*, Rio de Janeiro: ISER, 1992, nº 43, p. 41-43. _____, *A Mulher como Sujeito e Objeto da Reflexão Teológica na América Latina*, 1993, op. cit. BINGEMER, Maria Clara L. *Alteridade e Vulnerabilidade: experiência de Deus e pluralismo religioso no*

política e com as teorias e estudos feministas. Elas passam a discutir mais se são ou não feministas, se devem ou não usar este termo, se devem se posicionar politicamente assim. Além disso, conceitos como o de relações de gênero passam a fazer parte de seus trabalhos. Elas descobrem que as contribuições feministas podem ser úteis para sua reflexão teológica e seu trabalho pastoral. Ao mesmo tempo, procuram se distanciar de posturas feministas consideradas demasiadamente radicais.

Em síntese, o que acontece de mais interessante nesse contato é a **escolha** que as teólogas fazem de um determinado tipo de feminismo. Um feminismo baseado na diferença, na especificidade e na valorização da mulher. Um feminismo que, antes de tudo, se adequava ao tipo de produção que já vinha sendo desenvolvido por elas, privilegiando a singularidade feminina. Um feminismo que começava a se fazer muito presente nas correntes feministas ligadas ao trabalho com a saúde da mulher ou direitos reprodutivos e à ecologia.¹⁴ Um **ecofeminismo** ou **feminismo da diferença**. Essa nova perspectiva trazia propostas como a valorização da mulher como salvadora ecológica, já que ela sempre teria estado mais próxima da natureza e mais distante dos processos de destruição ligados ao mundo público, à sociedade industrial. As teólogas parecem ser seduzidas por essa corrente, tão afim com as suas perspectivas de proximidade da mulher com a vida, com a natureza e com Deus.¹⁵

Além disso, nos últimos anos, a Teologia de um modo geral passa a se preocupar também com o tema da ecologia, dentro do elenco de aspectos que assume a crise da modernidade. Estudiosos da Igreja e teólogos dedicam-se a investigar a crise material e espiritual que assola a humanidade, bem como as respostas que ela tem provocado. É o caso dos novos movimentos religiosos de um certo reencantamento do mundo e da ecologia. Nessa perspectiva ecológica, considera-se que o homem é capaz de compensar a destruição ambiental causada até hoje, resgatando o seu lugar como criação divina, capaz de salvar o mundo em que vive. A passagem do relato da criação que falava no homem como dominador da natureza passa a ser reinterpretada no sentido de que o homem tem a responsabilidade pela manutenção ou pela não destruição do ambiente em que vive.¹⁶

Dentro desse contexto, as teólogas se sentem a vontade para incorporar as discussões sobre ecologia e salvação ao lado das perspectivas ecofeministas de que a mulher tem um papel especial nesse processo de salvação do mundo. Mais do que isso, ela, que sempre foi vista como pecadora, irracional, não dominada, mais perto das forças da natureza, passa a ser resgatada como aquela capaz de recuperar o mundo. O

moderno em crise São Paulo Loyola 1993
GEBARA Ivone Trindade palavra sobre coisas velhas e novas uma perspectiva ecofeminista São Paulo Paulinas 1994

interessante e que isso ocorre pelo mesmo motivo a sua associação com a natureza. É porque sempre teria estado mais próxima da natureza da vida e mais longe da destruição da sociedade industrial da cultura ocidental que seria capaz de recuperar o mundo.

A especificidade feminina que já existia na produção teológica desde meados da década de 1980 passa então a ganhar novas cores e nova legitimidade a partir do momento em que existe respaldo em uma corrente feminista atual. O feminino é mais valorizado e sua singularidade utilizada como forma de reivindicar a ocupação de novos espaços pela mulher. Trata-se de uma busca da igualdade de condições socio-econômicas a partir da diferença do feminino. E para as que vão ainda mais longe trata-se de feminizar o mundo, contaminá-lo com as características femininas.

E a partir desse contato com o feminismo e sua incorporação no discurso das teólogas católicas que sugiro que se constrói uma nova corrente teológica ecofeminista. Uma Teologia ecofeminista ou feminista da diferença - já que as teólogas não fazem distinção entre esses dois termos - marcada pela incorporação de parte do ideário feminista atual exatamente a parte que permite privilegiar a **hierarquia** e a **diferença** situada dentro dos domínios permitidos pelo pertencimento religioso institucional. Para dar conta de sua complexidade e de sua posição feminista é necessário aprofundar alguns conceitos por ela formulados ou incorporados descortinando as concepções e influências mais amplas que impregnam esta linha de pensamento.

A tensão totalidade/singularidade

O foco sobre a Teologia Feminista nos revela a ligação com outras fontes de pensamento que certamente são significativas para compreender sua constituição e abrir perspectivas para perceber como determinados grupos, como as teólogas feministas, reatualizam referências de uma tensão estrutural constitutiva do pensamento ocidental moderno. Essas **referências românticas** reavivadas representam em um plano lógico uma tentativa de reelaboração da tensão entre **universalismo** e **singularidade**. Trata-se de uma percepção da Teologia Feminista a partir das recorrentes concepções e imagens românticas presentes em suas autoras. Dessa forma sugiro uma analogia com o pensamento romântico do século XIX não para atestar uma filiação da Teologia Feminista a ele, mas para testemunhar como certas linhas filosóficas e epistemológicas constituidoras do pensamento ocidental continuam ganhando recriações e reencenações em atores de hoje.

Sem entrar em uma discussão mais ampla faz-se necessária uma referência ao fato de que essas reações românticas so se constituem tendo como referência a constatação do fato da cultura ocidental ser fundada sobre princípios universalistas. O florescimento de concepções que privilegiam a singularidade em contraponto com a universalidade expressa uma tensão que é ela própria fundadora e resultado da ordem em que vivemos. Trata-se de privilegiar a **igualdade** entre todos os elementos que compoem o **universo** em relação ao privilegio da **especificidade** **diferença** de cada um dos elementos. As varias maneiras como esses dois polos se articulam sob diversas concepções presentes em nossa historia de pensamento mostram como esta relação esta imbricada na visão de mundo ocidental. Na otica de Louis Dumont¹⁷ trata-se da sociedade moderna e de sua ideologia individualista que se opõem as sociedades tradicionais ou holistas. Dumont interpreta a tensão universalismo/singularidade constitutiva da sociedade moderna ocidental em termos da relação entre **individualismo** e **holismo** ou do predomínio por um lado de um mundo de iguais e por outro de um mundo de hierarquias. A partir de uma distinção entre individuo como agente empirico presente em toda a sociedade que é nesse particular a materia-prima principal de toda sociologia e como representação ideal e ideacional particular ao Ocidente¹⁸ ele traça as linhas de distinção entre as sociedades tradicionais e modernas. Enquanto nas primeiras se privilegia o conjunto a totalidade da sociedade e a existência individual se conforma a preeminência dos fins coletivos nas segundas a sociedade existe apenas na medida em que serve aos propósitos de liberdade e igualdade de cada individuo em particular.

Para este autor nossa sociedade é fundamentalmente baseada em uma ideologia individualista mas que em uma relação de tensão se combina e se contrapõe a formas hierarquicas. Dentro desse quadro as reações românticas - nas quais incluímos além do Romantismo Alemão do século XIX os feminismos da diferença - seriam expressões de um contraponto holista do predomínio da totalidade e da singularidade em oposição a ideologia individualista predominante. Mais do que isso não fariam sentido senão como respostas e alternativas a situações historicas onde o universalismo e seu componente racionalista como principios logicos imperariam. Isto aconteceria tanto no caso do pensamento alemão do século XIX que em reação ao Iluminismo e ao avanço dos ideais da Revolução Francesa se centra na noção de singularidade dos povos e da luz a uma nova compreensão do que seja o conhecimento social quanto na segunda metade do século XX em relação

¹⁷ DUMONT Louis O
Individualismo Rio de Janeiro Rocco 1985
_____. *Homo Aequalis II*
L'ideologie allemande
(Introduction) Paris Gallimard 1991 p 15 30
_____. *Homo Hierarchicus o sistema das castas e suas implicações* (Introdução) Sao Paulo Edusp 1992 p 49 67

¹⁸ DUMONT 1992 op cit p 57

¹⁹ Nesse sentido Franchetto et al falam da autonomização das esferas da sexualidade e da família e do proprio surgimento do feminismo como gerados pelo individualismo FRANCHETTO Bruna et al Antropologia e Feminismo In _____ *Perspectivas Antropologicas da Mulher* Rio de Janeiro Zahar vol 1 1981 p 11 47

²⁰ Aqui inclui-se por exemplo VELHO Gilberto *Individualismo e Cultura* Rio de Janeiro Zahar 1987 FIGUEIRA Servulo A O Moderno e o Arcaico na Família Brasileira notas sobre a dimensao invisivel da mudança social In FIGUEIRA S S (org.) *Uma Nova Família* Rio de Janeiro Zahar 1987 p 11 30 SALEM Tania *Sobre o Casal Gravido* *incurso em um universo etico* Rio de Janeiro PPGAS/MN/UFRJ 1987 Tese de doutorado

²¹ Neste caso destacam-se os trabalhos de Duarte especialmente DUARTE Luiz Fernando D *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas* Rio de Janeiro Zahar/Brasilia CNPq 1986

²² No caso das teólogas que se colocam como porta-vozes das mulheres pobres e interessante chamar a atenção para a conjunção de algumas perspectivas. Certamente podemos pensar em uma aproximação entre as concepções mais holistas das teólogas feministas e a representação holista que os segmentos mais intelectualizados fazem do popular. Uma afinidade eletiva explicaria que as teólogas encontram no trabalho pastoral comunitario um fio de reiteração de suas propostas através da valorização de preceitos como a relacionalidade a

ao avanço individualista sobre os dominios que ainda lhe eram mais resistentes como a família e a relação entre os gêneros¹⁹. A tensão provocada pelos ideais de igualdade e liberdade em instâncias onde tradicionalmente predominava o posicionamento nas relações a hierarquia e constatada por uma serie de estudos. A dificuldade da convivência de orientações contraditórias surgidas em decorrência dessa tensão tem sido alvo de trabalhos antropológicos sociológicos ou psicanalíticos por exemplo a respeito das classes medias urbanas (mais individualistas)²⁰ ou das classes populares (mais holistas)²¹. Essas pesquisas empiricas têm identificado reações de ordem complexa ao individualismo que acabam por criar novas combinações entre as orientações individualistas e holistas. Nesse sentido era de se esperar o reafortamento da problematica romântica não como repetição do que teria ocorrido no século XIX ou em outros momentos mas como resultado de mais uma tensa combinação entre esses dois polos.

Linhas de reflexão e proposição como a do feminismo da diferença podem ser interpretadas enquanto um desses reavivamentos românticos. Esse feminismo define-se como porta-voz de uma geração de mulheres que esta insatisfeita em lutar pela igualdade e liberdade em relação aos homens e no mundo publico que consideram masculino e que vê os avanços da ideologia individualista no mundo privado como denegridores do unico refugio humano que ainda guardava relações e comportamentos baseados em outros valores como a gratuidade e o cuidado com o outro²². E nessa perspectiva que elaboram um pensamento baseado naquilo que acreditam opor-se a logica individualista e universalista concernente ao mundo masculino. Propõem uma visão de mundo fundada na singularidade e especificidade do mundo feminino na valorização das diferenças e das relações no trazer a tona os valores femininos ainda livres da orientação individualista da competitividade pragmatismo excessivo ou mesmo agressividade. Isto tem implicações no plano concreto de definição da mulher (já que não se trata de gênero no sentido mais tradicional do termo de desvinculação com o sexo biologico pois os valores femininos são sempre e exclusivamente portados pelas mulheres) como agente empirico capaz de reverter a situação de crise moral etica social e ambiental que estaríamos vivendo hoje. E tambem no plano logico já que do ponto de vista dessas feministas se romperia com os dualismos dominações subjugação do feminino ao valorizar a diferença e não mais ou não so a igualdade (o que pode ser analisado por outro lado como uma inversão hierarquica²³ tema a que voltarei mais tarde).

integração a vida As teólogas senam as portadoras da boa nova desses valores ainda presentes no povo da mesma forma que afirmam como real a representação holista que se supõe própria das classes populares

²³ Cf DUMONT 1992 op cit Ver também as referências de DUARTE 1986 op cit

²⁴ GUSDORF George L Hermeneutique Comprehensive et l'Histoire In GUSDORF G *Introduction aux Sciences Humaines* Paris Ophrys 1974 p 437 470

²⁵ GUSDORF G 1974 op cit p 437 438

Uma reencenação romântica

Retomando o caso do Romantismo Alemão do século XIX percebemos como é possível uma analogia entre suas proposições e as recorrentes hoje no tipo de feminismo criado pelas teólogas e o feminismo da diferença ou ecofeminismo de um modo geral. Os pontos de partida os temas as concepções epistemológicas assinaladas nesses dois momentos apresentam uma mesma orientação comum que é a da valorização da singularidade. Isto não significa que essas feministas tenham se inspirado diretamente na corrente alemã mas que como se trata de uma nova reação ao universalismo orientações análogas se estabelecem. De acordo com G GUSDORF²⁴ o Romantismo Alemão se caracterizou no campo das ciências humanas pela criação de uma epistemologia específica em contraposição ao intelectualismo que tinha como paradigma as ciências matemáticas e o privilégio da razão em relação a outras formas de conhecimento. Na França (racionalismo) e na Inglaterra (onde predominava o empirismo) não há condições propícias ao surgimento dessa epistemologia ao passo que na Alemanha uma série de condições intelectuais e políticas garantem uma resistência ao Iluminismo e possibilitam a renovação de valores o novo estilo de pensamento e vida que caracterizaria a *mare romântica*. O intelectualismo analítico e discursivo é substituído por um irracionalismo que simpatiza com as forças profundas com os imperativos do instinto e do sentimento.²⁵

GUSDORF salienta que essa nova compreensão só vem a curso em função de uma série de particularidades da Alemanha na época que definia de maneira especial seu contexto universitário. Um dado fundamental é que em contrapartida a fragmentação das disciplinas que ocorria na França na Alemanha a filosofia constituía um espaço englobante em relação a todas as outras áreas de conhecimento os pensadores tinham uma formação mais ampla que propiciava o questionamento da compreensão do homem pelo homem na proposição de uma epistemologia particular para as ciências humanas. Além disso a Teologia na Alemanha ocupava um lugar de coexistência pacífica com a Filosofia devido a descentralização do magisterio (em comparação com o monopólio e centralização católica na França) e a estrutura política de salvaguarda das liberdades universitárias. A presença de estudantes filhos de pastores era comum e os valores religiosos não impediam o desenvolvimento dos questionamentos da ciência. A epistemologia das ciências humanas e a noção de interpretação elaboradas pelo Romantismo Alemão se beneficiaram de uma série de influências favoráveis que alargaram o

seu horizonte e constituíram um forte bastião de reação ao racionalismo iluminista. Uma nova forma de inteligibilidade toma lugar baseada no romantismo, no nacionalismo e na valorização do saber, cujo principal fundamento passa a ser a especificidade do domínio humano, não passível de redução às equações matemáticas. O conhecimento do humano deve aceitar as especificidades desse domínio e deve se fundar também no diálogo e compreensão e não apenas na objetividade. O sujeito e o objeto deste conhecimento não estão separados, mas unidos em mutuas implicações.

Outro elemento fundamental para o Romantismo Alemão em todos os domínios foi a valorização da ideia de vida, de totalidade, baseada na filosofia da natureza e no retorno às cosmologias vitalistas. A vida é o padrão de toda compreensão e tudo está referido a ela. Mesmo o que é do domínio inanimado é uma forma imperfeita e materializada do ser vivo.²⁶ Dentro dessa ideia do conjunto, totalidade, todos os fenômenos estão relacionados entre si, compondo o que se definiu insistentemente como organismo. Essa noção de interdependência dos fenômenos opõe-se claramente ao mecanicismo fundado sobre a preeminência da matéria, do espaço e do tempo fragmentados. Na compreensão romântica, o conhecimento se estabelece pela mutualidade de implicações das relações, com referência a uma totalidade, em contraste com a decomposição em elementos abstratos. Nessa valorização da concepção de vida, o biologismo alemão, fundado no vitalismo dos naturalistas, fornece elementos para a compreensão da sociedade como a ideia de povo enquanto comunidade viva, fundada sobre a unidade originária das raças e a permanência das tradições.²⁷ A noção de verdade também é fundada em uma imbricação mútua. O sujeito do conhecimento é penetrado pela ideia de que existe uma essencial simpatia entre a verdade do homem e a verdade das coisas. Todo conhecimento é um reconhecimento: a natureza em seu conjunto coloca em cena um destino que não nos é estrangeiro.²⁸

Na produção e nos depoimentos das teólogas estudadas encontramos uma série de referências que permitem analogias entre essas duas linhas de pensamento e que, portanto, nos possibilitam esclarecer ainda melhor o lugar dos feminismos da diferença no arcabouço da cultura ocidental. Os temas mais recorrentes no Romantismo Alemão, como o privilégio dado à ideia de vida e de totalidade, ganham nova encenação no discurso das teólogas. Assim como no Romantismo temos a noção de vida e organismo como padrão e forma de entendimento dos fenômenos, uma nova maneira, não fragmentada, de compreender o mundo, a partir de sua

²⁶ Ibidem, p. 438

²⁷ Ib., p. 440

²⁸ Ibidem

integração e da ideia de conjunto temos na Teologia Feminista o privilegio concedido a vida enquanto um valor especialmente associado ao feminino e também como uma forma de relação e entendimento do mundo. Nesse sentido as mulheres que estariam mais próximas da vida teriam também uma capacidade impar de compreensão a partir de planos que incluem não só a racionalidade (assim como também era para o Romantismo Alemão) mas também a sensibilidade e intuição de toda a densidade do mundo que as cerca. Assim como para os românticos alemães para as teólogas a razão não é a única forma de conhecimento e apreensão do mundo. Há outras mais ligadas a interação a experiência e a outros modos sensíveis. Assim como os românticos criticam o racionalismo exaustivo do intelectualismo francês e oferecem a sua ideia de compreensão a Teologia Feminista critica o excessivo racionalismo masculino e propõe a sua forma de compreensão do mundo baseada também além da razão na intuição e sensibilidade. Mas não é só ao racionalismo masculino que se contrapõem. Aparece com destaque em seus depoimentos a ideia de que buscam no ecofeminismo ou feminismo da diferença uma alternativa a concepções feministas que se baseiam demasiadamente na fragmentação e na racionalidade. Acusam o feminismo racionalista igualitário acadêmico de centrar-se em categorias como gênero, classe social e raça sem a devida atenção a dimensões mais profundas da vida como a própria espiritualidade. É uma crítica que se aplica até a Teologia da Libertação que teria se apropriado das categorias racionais das ciências sociais na sua análise da realidade desprezando a própria dimensão espiritual e afetiva que da densidade a essa realidade.

Em resposta a isso é que as teólogas desenvolvem uma visão de mundo que estabelece a preeminência de valores menos racionais e mais relacionais que caracterizariam o mundo feminino especialmente a partir do pacto entre mulher ou feminino e vida. A natureza dessa capacidade feminina dessa proximidade com a vida beira as experiências particulares das mulheres como a gestação a maternidade uma singularidade que estaria nas fronteiras entre o social e o biológico. A aproximação com o movimento ecológico certamente se orienta por essa especificidade feminina por sua vocação para criar e restaurar a vida. O depoimento que segue vai nesta direção além de cunhar uma expressão (a vida como quadro referencial teórico) muito significativa da relação da mulher com este valor.

Eu acho que é uma coisa muito importante (o ecofeminismo) que traz coisas que para a mulher sempre foram fundamentais a questão ecológica e a questão

do feminismo. E eu acho que a gente tem que seguir por aí por causa dessa força integradora que essa coisa tem e por causa da coisa celebrativa de celebrar a vida. Porque para a mulher o quadro referencial teórico fundamental é a vida, não é o sucesso. E o sucesso também não é em primeiro lugar o sucesso, não é em primeiro lugar o lucro. Para a mulher o fundamental é a vida. E a vida não é só dela, é a vida dos filhos, é a vida dos netos.

Em um texto que se propõe a trabalhar a equação vida-saber, a teóloga Maria Conceição Correia Pinto²⁹ traça as linhas de um tipo de saber de conhecimento particular das mulheres. O ponto de partida mais uma vez é a proximidade da mulher com a vida, que proporciona como resultado uma forma de saber mais integrada e não fragmentada, que cobre todas as dimensões da existência humana. Além disso, essa forma de conhecimento pressupõe uma integração, uma relação de reciprocidade entre o sujeito do conhecimento e seu objeto, que faz eco à noção do Romantismo Alemão de perpassamento mútuo entre esses dois polos no processo de conhecimento. O próprio saber o ultrapassar-se a si mesmo, nesse sentido, é identificado com a vida.

Aliás, ter sempre mais vida corresponde ao anseio universal do ser humano, ultrapassar-se a si mesmo, e cada vez mais. Também no saber. Mas, para seres relacionais, esse ultrapassar-se não é estéril, cego, vazio, inconsequente, absurdo, como seria se não tivesse um termo adequado a um ser inteligente e livre. Mas, de fato, esse ultrapassar-se pede chegar a um outro ser pessoal, com quem possa entrar em relação de reciprocidade. No caso da relação com os seres da natureza, a relação é de influência mútua, que se torna adequada ao ser humano porque será sempre uma relação mediadora para mais vida para os seres pessoais.³⁰

Reafirmando a especificidade da mulher nessa relação, a mesma autora traça as diferenças entre homens e mulheres no que se refere à preeminência da vida. Pontua essas diferenças ao mesmo tempo em que se pergunta sobre sua natureza.

Nas conversas em grupos de mulheres, os assuntos bem frequentemente giram em torno da vida. As mulheres falamos geralmente como quem sabe das coisas (isso os homens reconhecem) das coisas referentes ao surgimento, crescimento, guarda da vida. E todos os assuntos levam a vida. Ora, saber sobre a vida e do interesse dos homens também. No entanto, nem sempre eles falam a vontade em rodas nas quais as mulheres são majoritárias. Por que se a vida cotidiana a vivemos nos com muitos pontos em comum - família, lar, trabalho, lazer?³¹

Outra forma de uso do conceito de vida pelas teólogas e que tem semelhanças com os traços românti-

²⁹ PINTO, Maria da Conceição C. Mulher, integração, vida, saber, perspectiva ético-teológica. In BRANDÃO, Margarida L. R. & BINGEMER, Maria Clara L. 1994. op. cit. p. 171-179.

³⁰ PINTO, M. da C. C. 1994. op. cit. p. 178.

³¹ Ibidem, p. 174. Grifos da autora.

cos do século XIX é a sua relação com a ideia de totalidade e com movimento. Para os românticos a noção de vida se contrapunha a noção de forma. A noção de integração orgânica servia para dar a ideia de movimento em oposição a de forma estagnada e de interdependência entre os fenômenos ou partes em relação a justaposição atomizada. Além disso e principalmente a forma recarria sempre na parte o que se pretendia criticar perante a ideia de totalidade. Nesse sentido a vida e o que costura e cimenta a totalidade sempre fluida e em movimento. Essa noção de vida como chave para a totalidade também é frequente na Teologia Feminista. O trecho que segue mostra com primor como estas categorias de vida totalidade movimento estão imbricadas na forma privilegiada da mulher sentir Deus. Aliás também é preciso notar o desprezo pelo conceitual racional abstrato em contraste com uma relação movida pela paixão.

A experiência espiritual da mulher não prioriza o conceitual o racional e o abstrato. Por que **sentem Deus de outro modo** elas expressam uma experiência amorosa e afetiva com Deus numa relação apaixonada e apaixonante onde a totalidade do ser participa por inteiro. Geradoras e sustentadoras da vida elas sentem uma cumplicidade com quem protege quem tem menos vida o Deus da Vida.

O Espírito de Deus que gera a força da mulher e coloca seu ser em movimento. Um movimento que provoca a saída do estado passivo e submisso em que estava acomodada no sistema patriarcal. Colocando-se em movimento as mulheres se voltam para si mesmas. Redescobrem o corpo seus desejos anseios angustias e a alegria de possuir a **coragem de ser**.³²

A noção de experiência também aparece com destaque tanto para os românticos alemães quanto para as teólogas católicas. Para eles a experiência define a forma de integração do homem com o mundo e também portanto sua forma de compreensão do mundo. A experiência e a fração que cada ser tem da totalidade e o realizar-se humano por estar em fluxo constante com o ambiente que o cerca em contraste com a ideia de parte de pensamento coisificante que caracterizaria o racionalismo. Para as teólogas a noção de experiência aparece ligada a especificidade da mulher no mundo. Ela passa por uma experiência diferente da masculina. E pela experiência que ela se torna mais próxima da vida de Deus. Mas note-se que esta noção de experiência é embebida pelas correntes do social e do biológico perpassada pela importância da cultura e pelo corpo feminino. Trata-se da noção romântica do ir através de

Nos mulheres falamos muito em experiência e eu descobri que no dicionário tem verbetes e verbetes e

³² VICENTE Ione Borges F. A
*Mulher como Sujeito e
Objeto da Reflexão
Teológica na América
Latina* 1993 op cit p 95
Grifos da autora

verbetes que falam de experiência no sentido teológico Ex - per - ire Quer dizer você ir através Então a experiência cristã a experiência de vida a experiência da mulher Então acho que essa noção de experiência é muito importante

Certamente a aproximação com valores religiosos garante também uma similitude entre segmentos do Romantismo Alemão e a Teologia Feminista Como vimos G. Gusdorf aponta para a intermediação não só da religião mas também da Teologia no contexto dos pensadores românticos alemães do século XIX o que trazia um novo tipo de densidade a sua visão de mundo e concepção de ciência Em alguns casos a aproximação entre Teologia e Antropologia tomava a forma de uma solidariedade já que a avaliação da situação do homem diante de Deus podia possibilitar meios para a compreensão da condição humana em seu conjunto E a própria concepção de religião ganhava contornos românticos particulares a medida em que deixava de ser uma síntese ideológica para se tornar uma atitude de vida uma abertura a Deus e ao mundo mais do que uma atividade especulativa Esta noção de contemplação intuitiva do universo de piedade cósmica que assegura a participação do crente na totalidade da Criação também é constitutiva da visão das teólogas sobre religião e especialmente da forma de participação das mulheres diante do mundo e de Deus Não se trata apenas de contemplação de especulação mas de experiência de sentir de forma integradora a relação com Deus e um sentir que leva a uma atitude diante de todas as dimensões da vida em uma maneira de conhecer relacional em uma aprecepção mais unitária e global da realidade

A experiência espiritual vivenciada pela mulher manifesta-se em primeiro lugar numa maneira de conhecer relacional e de proximidade com Deus na realidade Superando a frieza conceitual ela vai ampliando em todas as dimensões da vida esta relação () de modo peculiar a mulher tem uma aprecepção mais unitária e global da realidade o que lhe permite conceber a vida desde o cotidiano da experiência da existência sem superestimar momentos isolados Isto a leva a valorizar o cotidiano no contexto global Como consequência a espiritualidade não se compreende como o cultivo das coisas do espírito da alma dentro de um âmbito estritamente religioso separado do profano da vida da praxis Ao contrário o seguimento de Jesus dinamizado pela força do Espírito compreende-se dentro de uma globalidade que não exclui nenhuma dimensão da vida

A experiência espiritual da mulher sublinha a importância da integridade corporal A mulher tem maior

facilidade para expressar os sentimentos o afeto a dor e o pranto. Motivo pelo qual incorpora na experiência espiritual todo seu ser. Seu corpo sacramento do misterio de Deus vivencia de forma integradora na sua carne espírito, entranhas, sexualidade e inteligência a experiência mística e totalizante na relação afetiva com Deus.³³

Uma última referência se faz necessária ao estatuto da categoria de essência para os românticos do século XIX e para as teólogas católicas, mas também podendo ser generalizada até o ecofeminismo ou feminismo da diferença. Frequentemente esta categoria é evocada no discurso dessas feministas e teólogas, seja para reafirmá-la no sentido mais comum do termo (associado a uma essência biológica), seja para refutá-la, evocando a ideia de que o que dá especificidade a mulher e a experiência, o que por si só levaria a uma relativização da noção de essência e a sua percepção enquanto do domínio do social, do cultural. Como já afirmou, esta noção de experiência tão frequentemente sustentada pelas teólogas faz referências a dimensão do corpo feminino e a processos inerentemente biológicos que distinguem de maneira ímpar as mulheres dos homens. Portanto, trata-se de algo que beira as fronteiras do social, mas também do biológico. Nesse sentido, é possível reafirmar um componente essencialista no discurso desse grupo de mulheres, mas em um sentido tal qual o entendido pelos românticos alemães e que destoa da concepção de senso comum, da qual as teólogas e feministas muitas vezes tentam se esquivar.

Para aqueles pensadores, a ideia de essência está vinculada a ideia de singularidade. Cada unidade/totalidade (seja um povo, uma nação, uma espécie biológica, por exemplo) é dotada de determinada especificidade que a torna única, singular, diante da totalidade maior. É esta qualidade da singularidade que a faz diferente, que a faz essencialmente diferente. Contudo, se a natureza dessa diferença, dessa essência e social ou natural não tem importância predominante. Para os românticos, trata-se de algo que está para além do cultural e do natural, mas é o que singulariza cada unidade, cada ente. Não se trata de uma concepção de essência racionalista, onde se localiza um núcleo rígido de demarcações, mas de uma qualidade que define a especificidade dos elementos em termos de relação com a totalidade. Poder-se-ia falar em um essencialismo sem essência, que para os românticos se define pela qualidade de que tudo o que é vital (dentro da ampla concepção deste termo para eles) é essencial.

Quando as teólogas afirmam a noção de diferença entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, mas tentando não biologizar esta diferença, sugiro que

estão tratando de algo homologa a essa diferença expressa na noção de essência para os românticos. A diferença entre homens e mulheres é definida por uma experiência - como elas gostam de afirmar - que se compõe de nuances entre o social e o natural entre as características apreendidas socialmente na vivência no mundo privado e os processos biológicos inerentes a cada sexo. As dimensões mais delicadas - mais dentro dessas nuances - como aquelas do sentimento, intuição, capacidades de gratuidade e cuidado com o outro parecem ser as que mais se preenchem pela ambiguidade entre o social e o natural e que não podem ser reduzidas somente a um dos extremos.

Em termos concretos, o que as teólogas e feministas chamam de diferença feminina - e que poderíamos classificar como essência no sentido exposto acima - é definido sempre em relação ao masculino e tem uma série de implicações. É a partir da constatação dessa diferença ou essência particular da mulher que se formula um modo de compreensão do mundo, uma visão sobre as relações humanas e com Deus e um conteúdo programático para a sociedade como um todo.

Uma nova hierarquia na equação masculino/feminino

Uma referência que se faz necessária antes de entrarmos na discussão mencionada acima e sobre a associação entre gênero e sexo presente nestas linhas de pensamento. A diferença é definida em termos de características da mulher - de comportamento social concreto e histórico - mas também - e de forma ambígua - a partir das características associadas ao gênero feminino. Sempre que se está falando na especificidade do feminino - em valores tradicionalmente associados a este gênero - como a sensibilidade, passividade, afetividade - faz-se referência a mais do que isto - cria-se uma justaposição - uma trama - uma amarração entre o gênero feminino (enquanto características associadas culturalmente ao sexo biológico) e a mulher, sujeito concreto. Esta equação também é constituidora da visão de mundo e dos projetos das teólogas.

Ao enfatizarem a diferença entre os gêneros ou sexos - as teólogas compõem uma visão de mundo dicotomizada entre masculino e feminino. Demarcam de maneira rígida aquilo que pertenceria ao mundo feminino - como a preocupação com a vida, capacidade de se dedicar ao cuidado com o outro, a sensibilidade, a afetividade, a intuição, a gratuidade - e o que estaria circunscrito ao mundo masculino - como a competitividade, a preocupação excessiva com a eficácia, com o progresso, com o lucro, a agressividade, a racionalidade.

demasiada. Esta implícita nessa classificação a distinção entre a esfera privada e pública a primeira sendo lugar da efetivação dos valores associados ao feminino e a segunda ao masculino. Para as teólogas o mundo público lugar de emergência do masculino exerce uma função valorativa de domínio sobre o mundo privado da mesma forma que os homens subjagam as mulheres ou que as características associadas ao gênero masculino são privilegiadas em relação as associadas ao feminino. Em virtude dessa constatação elas propõem uma nova visão de mundo baseada na igualdade entre os gêneros ou sexos mas que enfatize também e principalmente a diferença. A adoção da mera igualdade como valor fundamental e criticada porque em termos gerais a concepção que se tem de igualdade em nossa sociedade e demasiadamente baseada em projetos masculinos assim como as noções de justiça de cidadania de liberdade vigentes e herdeiras do Individualismo Universalista foram concebidas a partir da visão de mundo masculina que sempre foi predominante no mundo público o universo de elaboração desses princípios. A igualdade so pode existir se baseada na distinção como mostra o trecho a seguir

O respeito a alteridade feminina e condição para que se entenda o verdadeiro significado da igualdade mulher-homem. Não é uma igualdade que se concretiza na repetição do mesmo. Em outras palavras não é uma igualdade que anula a distinção entre os sexos. Ao contrario a reconhece como indispensavel para estabelecer a reciprocidade entre eles. A mulher não é apenas diferente do homem mas distinta dele. A etimologia destas palavras expressa melhor o que queremos dizer.³⁴

Além disso as teólogas e feministas da diferença de tal forma privilegiam os valores associados ao feminino sempre percebendo-os como mais positivos em relação aos valores associados ao masculino que operam dentro de uma logica hierarquica e definem através da valorização dos atributos femininos uma **inversão hierárquica**³⁵. Tomando como base a parte da obra de Dumont distinguida por Duarte³⁶ como teoria da hierarquia podemos entender a relação entre masculino e feminino formulada por essas autoras dentro de uma concepção analitica que por oposição a uma logica distintiva linear representa uma logica hierarquica onde a relação entre o todo e o elemento e a possibilidade de englobamento por um elemento do seu contrario são a base fundamental. Além disso esse modelo implica uma bidimensionalidade a distinção entre dois níveis um nível superior onde ha unidade e um nível inferior onde ha distinção e a ideia de totalidade de uma unidade que compreende a distinção hierarquica entre os elementos opostos. A distinção entre o nível superior e o inferior se opera a partir de

³⁴ BRANDÃO Margarida L R 1990 op cit p.34

³⁵ No sentido formulado por Dumont (1992 op cit) e explicitado por Duarte (1986 op cit)

³⁶ DUARTE L F D 1986 op cit

valores. São eles que permitem a definição da situação da relação hierárquica que se opera entre os dois elementos. E a partir de critérios de valor que um elemento define a sua posição como englobante ou englobado em relação ao seu contrário. E como esses critérios podem mudar situacionalmente, a relação entre o que era nível superior e nível inferior ou englobante e englobado também muda, constituindo uma inversão hierárquica.³⁷

O que acontece no caso da proposição das teólogas e feministas da diferença de valorização da especificidade feminina pode ser interpretado dessa forma. Ao privilegiarem o que é associado ao feminino como elementos característicos, valores mais positivos e mais adequados para uma humanidade mais justa ou mesmo como os valores e atitudes capazes de reverter o processo de degradação natural e ética em que a modernidade se encontraria, estão colocando o feminino em um nível superior na relação hierárquica que se estabelece entre feminino e masculino. Na opinião delas, o que se tem até hoje é a valorização dos atributos masculinos do mundo masculino e a subjugação do mundo feminino, ou seja, em um plano lógico, o masculino é o polo englobante. O que propõem como alternativa é a colocação do feminino aqui para a frente como o polo englobante. Nesse sentido, de um ponto de vista analítico da relação hierárquica que se opera, trata-se não de uma igualdade linearidade entre feminino e masculino proposta por essas autoras, mas de uma combinação hierárquica definida em termos de critérios de valor. Na proposta dos feminismos da diferença, o valor privilegiado é o feminino, que se tem a pretensão de que seja generalizado, universalizado ao resto da totalidade. Desde o momento em que os valores e atitudes associadas a mulher são colocados como mais positivos em relação a uma nova proposta ética para a humanidade, instaura-se o feminino como nível superior ou como elemento englobante em relação ao masculino, o que caracterizaria uma inversão hierárquica.

Cumprir notar mais uma última analogia com o pensamento romântico alemão do século XIX, que se pode colocar a partir dessa percepção analítica da hierarquia. Trata-se em um primeiro plano da visualização das relações em termos de unidade e pluralidade. No Romantismo Alemão, o privilégio à singularidade, a particularidade, só era concebível em termos de sua interdependência com a totalidade, unidade. Isto se aplica ao plano geral, enquanto forma de entendimento dos fenômenos, mas também de modo particular, no que se refere à própria epistemologia das ciências humanas, por exemplo. Era uma nova forma de entendimento das ciências humanas que constituía um modo particular

uma concepção de conhecimento singular em relação a totalidade que se colocava como polo englobante como percepção mais ampla e geral do sentido de ciência intrínseco ao racionalismo iluminista. É por essa relação de especificidade mas dentro e por referência a uma totalidade que a noção de ciências humanas como ciências compreensivas se desenvolve. Nesse sentido ao propor essa nova concepção e defendê-la como único modo legítimo de conhecer aquilo que era da dimensão particular do humano havia pretensões de generalização. Esse aparente paradoxo de um modelo não universalizante que se pretende universalizável tem a ver na verdade com o estatuto das tensões mais amplas entre Romantismo e Universalismo como as marcas universalistas que o próprio Romantismo tem desde a sua constituição e que reedita também em forma de tensão.

No caso das teólogas a equação singularidade/totalidade ou particularidade/unidade e também uma constante forma de organizar sua visão de mundo e de tratar a relação entre os gêneros. Tem lugar aí a noção de unidade do gênero humano que se compõe de masculino e feminino de homens e mulheres que implica uma ideia de igualdade principal. Mas a noção privilegiada e a da distinção a partir das singularidades de feminino e masculino implicando na preeminência da diferença. Desta forma unidade e particularidade formam uma equação constitutiva e recorrente no pensamento das teólogas feministas.

A transformação da realidade requer o empenho ético no reconhecimento da igualdade fundamental dos seres humanos em relação a sua dignidade por outro lado e necessário reconhecer o modo distinto de ser homem e mulher na relação recíproca. Esta fundamentação ética inspira a luta pelos direitos políticos pela mudança de estruturas morais que não percebem a marginalização da mulher e que ao mesmo tempo estão fundamentadas em princípios abstratos que não respondem a realidade concreta da mulher. A afirmação do ser feminino visibiliza sua presença num mundo marcadamente masculino gerando novas estruturas nas quais se busca distinguir para unir aceitando que a unidade supõe pluralidade e nunca uniformidade.³⁸

De modo análogo e mais nítido talvez que para o Romantismo as teólogas tematizam a tensão entre Universalismo e Romantismo ao investirem no projeto de generalização dos valores associados ao feminino. Esta singularidade do feminino e de tal forma privilegiada que é percebida como um conjunto de valores capaz de ser generalizado a totalidade da existência humana. Continuando nesta linha podemos perceber que essa tensão entre totalidade e singularidade alcança outros planos. L

³⁸ VICENTE Ione Borges F
Op cit p 147 148

³⁹ DUMONT L 1985 op cit
1991 op cit

Dumont³⁹ tem argumentado como a ideologia alemã (entendida enquanto conjunto de ideias e valores) representa uma composição híbrida de individualismo e holismo de valorização do individualismo e da hierarquia em relação a cultura universalista predominante. Segundo Dumont a partir de Herder principalmente podemos entender como a variação romântica alemã constitui uma unidade singular em relação ao conjunto da ideologia moderna e se relaciona com ela de forma hierárquica. Isto está presente nas ideias de Herder sobre a singularidade de cada povo ou cultura que exprime um aspecto da humanidade e também uma noção da riqueza do homem em termos da essência que comporta pelo pertencimento a cada cultura particular em contraposição a ideia universalista de uma igualdade genérica entre os seres humanos. Mas não se trata de um rechaçamento do individualismo que desde o início o elemento o valor englobante e que nesse sentido contém o surgimento dessas reações holistas. A ideologia alemã implica então uma composição entre estes dois princípios expressa na obra de Herder pela noção de indivíduo e igualdade transposta ao plano das culturas dos povos distintos. Para Herder esses povos eram dotados de uma singularidade única mas enquanto indivíduos coletivos deveriam se relacionar de acordo com os pressupostos individualistas de igualdade. A concepção de Herder por um lado afirma a especificidade da cultura germânica indo em uma direção holista ao mesmo tempo em que considera as culturas sob o prisma do universalismo individualista. Tem uma face voltada para dentro para a particularidade e outra voltada para a cultura universalista dominante o que permite que elementos dessa cultura particular passem para a cultura mais geral⁴⁰.

⁴⁰ DUMONT L 1991 op cit

⁴¹ DUMONT L 1985 op cit

Em Fichte Dumont⁴¹ percebe também uma composição de individualismo e holismo uma valorização das singularidades das culturas mas em uma perspectiva universalista. Ao afirmar que cada povo tem a faculdade de em determinado momento representar a humanidade inteira Fichte delinea uma hierarquia entre os povos. Não em um sentido de poder de dominação de uma cultura sobre a outra mas como dotadas da capacidade de em sua particularidade conter a totalidade da humanidade. E nessa direção que se estendem as afirmações da especificidade e do valor da cultura germânica que deveriam ser transmitidos a humanidade constar da cultura universal. E a partir daí que mais uma vez se colocam as semelhanças com as concepções do feminismo da diferença expressas no discurso das teólogas estudadas. A singularidade da cultura germânica se coloca como uma opção ao modelo francês que postulava o universalismo mas acabava por identificar

em última instância os seus valores específicos ao que seria universal. Para a Teologia Feminista a proposta de valorização da especificidade feminina se coloca como uma tentativa de ruptura com a concepção universalista masculina que também cai no erro de identificar valores associados ao mundo masculino com o universal. So que para além disso as teólogas ao privilegiarem os valores femininos assim como os alemães a sua germanidade investem em uma proposta de universalização de um novo conjunto de valores operando uma inversão hierárquica entre os polos anteriormente englobados que agora passam para um nível superior.

Para a Teologia Feminista há também uma equação entre individualismo e holismo. Ela concede aos gêneros ou sexos o estatuto de grandes indivíduos coletivos percebidos em termos de igualdade. Mas ao combinar isso com a ideia da diferença há um deslizamento da igualdade para a singularidade. Os grandes indivíduos coletivos feminino e masculino são iguais mas iguais a seu modo. E nesse segundo nível só perceptível logicamente a singularidade acaba por ser privilegiada e o feminino ganha o estatuto de mais diferente e uma diferença que é valorizada por essa natureza singular em relação ao masculino e definida por juízos de valor positivos. O que Dumont⁴² diz sobre o Romantismo não negar o individualismo em geral mas a ameaça da perda das diferenças das identidades culturais dos povos pode ser transposto a ideia de que ao valorizar a diferença o que a Teologia Feminista e outras correntes feministas temem não é o individualismo em termos da universalização de valores como a igualdade e a liberdade mas a supressão das singularidades que demarcam os mundos masculino e feminino. Nesse sentido e uma visão de mundo que assegura em primeiro lugar a manutenção das diferenças o que implica de um ponto de vista lógico uma hierarquia não no sentido de poder mas de relação entre os termos de definição de polos englobantes e englobados.

⁴² DUMONT L. 1991 op cit

O lugar de um novo feminismo

Na realidade o feminismo teológico ou outros feminismos na linha do ecofeminismo ou feminismo da diferença representam novas tentativas de combinação a partir do dilema universalismo/particularismo ou traduzidos em termos dumontianos individualismo/holismo que é constitutivo da cultura ocidental moderna. A partir dessa analogia com o Romantismo Alemão do século XIX podemos perceber melhor onde essas correntes se situam em relação a outras linhas de pensamento especialmente a outros feminismos. E preciso ressaltar

que se trata de um quadro geral de composições que podemos oferecer como uma proposta de organização lógica do campo. A comparação entre a Teologia Feminista (e agora sua especificidade em relação a) e o ecofeminismo ou feminismo da diferença ou ainda feminismo igualitário pode ser traçada a partir das apropriações universalistas e românticas de cada linha.

Desse ponto de vista, o feminismo igualitário predominante nas décadas de 1960 e 1970 e uma das principais linhas mestras dos feminismos de hoje, se coloca como representante de uma linha universalista mais clássica, no sentido de que privilegia em suas concepções a igualdade entre os gêneros e os sexos, com base em um substrato humano único e presente de igual modo em homens e mulheres. Já o feminismo da diferença ou sua vertente mais ecológica, o ecofeminismo, representa uma reação a esse universalismo e compactua com a noção romântica de privilégio à singularidade mais plena, mas se distingue em um plano mais profundo da Teologia Feminista, principalmente devido à sua origem laica.

Embora o feminismo da diferença ou ecofeminismo recorra à espiritualidade e à criação de panteísmos em sua cosmologia, isso ocorre como um investimento do próprio movimento e não como parte de sua raiz inicial. Além disso, não herda, como no caso das teólogas feministas, o forte componente universalista constituidor da tradição eclesial católica.

Quanto à Teologia Feminista, compõe um panorama bem mais complexo, ao combinar pressupostos universalistas e românticos nesse conjunto de diferentes interpretações elaboradas pelas correntes feministas. Ela traz, já como herança de seu pertencimento institucional à Igreja Católica, a tensão constitutiva da própria Igreja entre seu forte componente holista e a adoção histórica de princípios universalistas/individualistas. Além disso, acrescenta a essa tensão que já lhe é inerente as concepções românticas de privilégio à singularidade, tal qual expressa no feminismo da diferença ou ecofeminismo. Reafirmando a sua origem universalista/racionalista, as teólogas estudadas concebem uma perspectiva de universalização de direitos, de valorização dos indivíduos de privilégio à igualdade, a ela agregando a preeminência das especificidades, das singularidades, das diferenças expressas na sua visão de uma cultura feminina e de relações entre os gêneros/sexos.

A partir de uma contextualização desse grupo de teólogas em relação a seu pertencimento religioso, suas principais fontes de referência e seus interlocutores, e através da análise de sua produção e das tendências que passam a ser incorporadas hoje, percebemos como o ideário feminista disponível na cultura atual se

oferece a distintas apropriações e combinações das quais a Teologia Feminista constitui uma possibilidade. Em termos gerais o que faz a multiplicidade de feminismos existentes hoje e a tentativa de resolver ou trazer novos elementos a antigas tensões como universalidade/particularidade indivíduo/totalidade cultura/natureza igualdade/diferença tensões constitutivas não so da reflexão feminista mas de todo o pensamento ocidental

A Teologia Feminista a partir de um olhar etnográfico mostrou-se um objeto privilegiado para enxergarmos como essas tensões se efetivam e ganham colorido ao passarem para o plano das posições concretas dos projetos de novas perspectivas éticas de formas de relação com o mundo e com a transcendência e de reflexão teológica. E talvez o mais importante aponta para a complexidade de interações entre orientações contraditórias do ponto de vista lógico mas que encontram seu lugar na composição de grupos concretos. Nesse sentido o debate feminista tem na Teologia Feminista mais um exemplo rico pela sua combinação de influências e análise da realidade da diversidade de possibilidades a que sua proposta e seu rótulo mais geral podem ser levados ainda que estes não se coadunem com o que poderia se chamar de um feminismo original ou legítimo do ponto de vista de suas criadoras em várias épocas e lugares

O privilégio dado a diferença indicaria uma certa desconfiança que surge com a entrada dos pressupostos individualistas nos recantos que ainda lhe eram mais resistentes. A modernização caracterizada pela preponderância da igualdade como valor em contextos como o da família e das relações de gênero esta longe de ser aceita e linearmente encampada por distintos segmentos sociais. A reação romântica expressa pelas teólogas feministas que propõem uma especificidade do feminino revela a existência de grupos concretos e linhas de pensamento que questionam a dissolução de identidades marcadamente definidas no curso das relações sociais e particularmente de gênero. O fato de grupos organizados como o das teólogas católicas investirem na construção de uma concepção de experiência feminina com a transcendência e com o mundo real baseada na diferença certamente indica uma reação a preponderância exclusiva ou linear dos ideais de igualdade e liberdade. Do ponto de vista de um feminismo igualitário poder-se-ia apontar para os perigos deterministas dessa perspectiva centrada em uma visão de mundo holista. Do ponto de vista antropológico fica a demonstração de que essas correntes feministas da diferença efetivamente existem e representam uma linha de pensamento constitutiva de nosso ideário cultural iluminando a complexidade dos caminhos que se abrem a nossa história